



TRADUÇÃO

**A PARTE DO FILHO¹³⁰
DE JEAN-LUC COATALEM**

TRADUÇÃO DE GUILHERME CUNHA RIBEIRO

Guilherme Cunha Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

guicunharibeiro@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i2.41089>

Recebido em: 05/08/2021

Aceito em: 30/10/2021

Publicado em março de 2022

1

É uma canoa de quatro metros e cinquenta, cuja vela vermelha içaram, uma brisa os leva a alto-mar, o pai e os filhos.

É um mês de julho na península de Crozon, ela tem uma forma de dragão, nós a chamamos informalmente Kergat.

É um verão como os outros, eles fazem inverossímeis caminhadas a pé por entre as falésias, ultrapassando a ponta escarpada desse forte para ladear as angras de samambaias até o cabo das Gaivotas, ou então, ao contrário, eles tomam o caminho das aduaneiras para se banharem nas praias a leste, mais tarde se juntarão a Lucie, a irmã mais velha, e Jeanne, a mamãe, na orla da estação balneária onde eles alugam para o ano uma casinha detrás do cais, Kergat fica, se muito, há uma hora de Brest, é uma segunda casa, Kergat é nossa casa.

É um dia tranquilo, o Iroise mostra seus verdes duros e azuis macios que a onda incha, o ar é cheiroso, não há muita gente, apenas alguns automóveis pela praça da igreja ou na porta do hotel des Sables, sua fachada de estabelecimento termal, e entre a vegetação algumas *villas* adormecidas, elas têm um ar digno com suas *bay windows* e suas varandas, um lado Daphné Du Maurier um tanto parado no tempo.

¹³⁰ COATALEM, Jean-Luc. *La part du fils*. Paris : Éditions Stock, 2019, p. 10-15, 90-93.



É um verão sobre a península armoricana, que importa que chova, que vente, a claridade é generosa, eles se banharão nas docas do porto ou irão explorar pela centésima vez a grota Absinto que é preciso forçar com o fluxo para chegar em suas entranhas, um teatro de reflexos que se abre por trinta metros de largura, ali também um segredo, o segredo das falésias, a semiobscuridade que reina nessa cavidade onde a água é fresca, as vozes ressoam, respirações se condensam entre as paredes, e enquanto suas pernas são apenas pontilhados móveis, eles têm a sensação de estarem imersos no próprio instante, presos no mel de fótons e de reflexos, o mesmo que dizer eternidade, a eternidade de Kergat...

É uma Bretanha que não mudará, um país de infância, onde sempre haverá a frota de barcos, os caixotes de cavalinhas sobre o quebra-mar, às vezes um casal de peixes-espada e uma irmandade de polvos entrelaçados, a floresta de pinhos, as enseadas que só se alcança ao se deixar deslizar por uma corda, uma baía onde o próprio verão vem descansar, imutável, no mesmo momento que eles, nessa península que é quase insular, e esses cinco estão à parte sobre o bordado do matagal, é o que pensam, pelo menos até o começo da guerra, antes de virem as horas cortantes, as horas más, aquelas que machucam e matam. Esperando, eles pestanejam os olhos sob o sol.

2

Paol nasceu em 1894, em Brest. Vem de uma família finisterriana, na qual os homens são geralmente empregados do Arsenal, a base militar e naval. Esteve na Primeira Guerra. Casou-se com Jeanne. Três filhos, Lucie, Ronan e Pierre, meu pai. Oficial da reserva, ele foi transferido para a Indochina, da qual ele tinha voltado em 1930. Como civil, ele trabalhou em seguida para uma gráfica e numa empresa de construção. Depois, como a maioria dos franceses, ele foi novamente mobilizado, em 1939, no posto de tenente.

Eu não o conheci. Partiu cedo demais, rápido demais, como se o destino o tivesse apressado. Mas para nós ficou a Bretanha sua, que se tornou a nossa.

Sob o regime de Vichy uma carta de denúncia teria bastado. O que ela continha exatamente? Ninguém soube. No primeiro de setembro de 1943, Paol foi preso pela Gestapo. Ele será conduzido para a prisão de Brest em Pontaniou.



Encarcerado com os políticos e os “terroristas”. Interrogado. Depois serão os campos, na França e na Alemanha. Nada jamais conseguiria tirá-lo de lá, fazê-lo voltar...

Alguns anos depois, apesar do tempo passado, eu iria em busca de meu avô. Como que em seu encontro.

3

Então tudo vinha daí, uma quarta-feira de setembro de 1943, um fim de verão, num roteiro que eu achava plausível, e as cenas em Plomodiern, este burgo ao bordo de Kergat, se encadeavam em sua lógica cinematográfica, com o carro reluzente, as ordens e os golpes, os sujeitos da Gestapo que tiveram de algemá-lo, não era do tipo de se deixar embarcar assim não, e eles o levaram empurrando-o para frente, rápido, se aproveitando da surpresa, ele pálido como um lençol e eles apressados, brutais, deslizando pela escadaria da entrada, o jardim de palmeiras, aquele que segundo Paol lembrava a Indochina, reduzindo assim sua intervenção para evitar que um tumulto se formasse na rua Leskuz, caminho largo no topo de uma colina, em volta dessas duas casas de campo, duas construções idênticas e contíguas, brancas com bandeiras venezianas cinzas, erguidas por um empresário de Quimper para suas filhas gêmeas com um tal empenho de simetria que se tinha a impressão de uma imagem desdobrada ou de uma gagueira visual, somente a palmeira da esquerda talvez as diferenciasse, e sem poder mais esperar o Citroën verde-escuro tomara a curva do alto, acelerando em direção a Menez-Hom, esta montanhazinha que abre e fecha a enseada, ultrapassando as sebes para desaparecer atrás dos ciprestes que dominam a colina, o rosto inchado de Paol apoiado contra a vidraça salpicada de lama. Assim.

Continuo a imaginar. Pierre tem doze anos... Acompanhado por um amigo que o espera atrás da cerca, ele vai brincar sobre o areal, atravessou o jardim da casa, admitamos que a da esquerda ainda entorpecida pela noite, e depois, voltando, ele vê a cena, impotente, tetanizado. Ele vê sua mãe se prender ao grupo, Jeanne habitualmente tão reservada, se interpor entre os policiais, os interrompendo, talvez lhes suplicando, a ponto de Paol acabar gritando-lhe para ir telefonar para Châteaulin, o amigo Yvon, aquele tinha influência na prefeitura, era a hora, e



enquanto empurravam-no para a traseira do Citroën, o francês e o gestapista na sua frente, ele com o terceiro homem, o mais fortão, na traseira, sangue escorria de sua boca, do nariz, embebendo sua camisa, formava uma meia-lua pichenta, a mancha se alargando, vermelho magnético, que sujava o banco, Paol aturdido por sua prisão não mais distinguia bem as formas, as massas, tudo se tornara desfocado, amplificado e maior, sua mão algemada no punho da maçaneta do carro pendia como coisa idiota, e o outro cara ao lhe dar um último murro, terrorista vagabundo, porque ele iria empestear seu carro de trabalho!

Em seguida, muitas semanas de angústia em Brest atrás das paredes esburacadas de Pontaniou, bairro da Recouvrance, a meia-penumbra do cárcere, o eco das rondas ritmando as horas, as idas-e-vindas entre dois guardas, a enxerga de palha, a sujeira, a solidão espantosa como se o mundo dos vivos continuasse sem ele, lá fora, num mundo mais verdadeiro, de fato. Também as noites são difíceis, curtas ou longas demais, quando o pânico revolve a barriga. Na aurora, o suco era distribuído na caneca de ferro passada por debaixo da porta, a ponta do pão para compartilhar. Depois os interrogatórios se sucediam em Notre-Dame-de-Bonne-Nouvelle, para os lados de Lambézellec, o “antro” da Gestapo, e quem confessasse ou traísse iria, obrigado e à força, prender os camaradas com os “schupos” ...

No momento de uma ida a Brest, eu irei por minha conta percorrer os lugares desocupados – a prisão ainda existe, enferrujada, empoleirada no promontório –, circular em frente às concertinas das muralhas, inspecionar as ruelas me perguntando o que Paol teria podido perceber da claraboia do seu cárcere. O canal? O mar? A península de Kergat, em frente? Ou o céu cinzento, colocado sobre os tetos como uma tampa de sótão?

A partir de então, Paol é um inimigo do Reich, um indesejável. Retiraram-lhe seus papeis, seus laços, seu cinto. Sobre a palha da enxerga, ele não para de recompor os últimos instantes no cérebro que gravou tudo, ele vê enfim a cena, cercando em vão alguma coisa, um indício: os passos no pátio, a campainha, seu nome pronunciado atrás da porta, os polícias que se atiram, esta narcose venenosa que se infiltra por todo lado, com ele no meio, acelerada entre os planos lentos, era seu coração que batia forte, ele atado na Citroën, a maçaneta do carro bate, ele atravessa o burgo, cruza um agrupamento de soldados alemães em coluna, e depois dois caras na soleira de uma fazenda, um conhecido de bicicleta no cruzamento, um



outro mais velho que espia pela janela em ângulo do café d'Ys, toda a cidade ficará sabendo, o carro desce até o Aulne para atravessar a ponte, o barulho do motor corta os campos e a floresta em dois atacando uma nova costa, ele tem uma dor de cabeça atroz, sua mão é insensível como mármore, e a faixa de asfalto na janela de trás se tornou sua vida desbobinada, de tanto que as curvas se repetem e somem, não há herói, ele deve esquecer a rede, eles vão tão rápido, um acidente seria melhor que aquilo que o espera e depois do último cruzamento a placa flechada “Brest” de repente lhe oprime o peito e o assusta...

21

Comboio 38000. Uma litania de nomes que não significam nada para ninguém mas a impressora de escritório cospe assim mesmo sobre os folhetos a lista interminável...

Um a um, linha após linha, o arquivo da Fundação para a memória da deportação debulha os deportados, Compiègne-Buchenwald, de Jacques Abadie, nascido em Montech em 1921, até Ronan Tchia, nascido em Harfleur em 1924, na sua maioria franceses, mas também holandeses, poloneses, numerosos belgas...

Quem foi Aloïs Bamberger, nascido em Wemmetsweiler, em 1923, que acabará no campo de Neuengamme? Ou Alphonse Dezusinges, nascido em 1901, em Lucens, que passará de Buchenwald a Dora, depois Bergen-Belsen? Também André Deville, Michel Dupuis, Pierre Fareau, Louis Jadaud... O mais velho é Pierre Diais, nascido em 1883 – ele tem sessenta anos. Os mais jovens têm dezessete ou dezoito anos. E quem foi Jean Acacio? Jules André, morto em Bergen? Ou Claude Bouchery, sobre quem nada se sabe? Cada um com seu número, a indicação 38, 38 de comboio 38000.

Em suas memórias de guerra, Christian Pineau, fundador do movimento de resistência “Liberação-Norte”, não é avarento com detalhes. Ele está nesse comboio. Logo, sabe-se exatamente o que aconteceu naqueles dois dias. E, relendo o livro de Pineau, eu quase entrevejo a presença de Paol nesse trem cor de chumbo que foge à toda ou se arrasta sem razão sobre os trilhos da França e da Alemanha.

Eles atravessaram a pé a cidade sonolenta de Compiègne, em filas de cinco, entre cachorros e SS, diante das venezianas fechadas e das portas trancadas,



seguindo o pedido da *Kommandantur*. Algumas mulheres, esposas e irmãs vieram até ali – existem, aqui também, fugas relacionadas a cada transporte -, elas lhes fazem sinais, tentam lhes passar provisões, uma carta, uma trouxa de roupas, mas não as deixam se aproximarem. Tendo chegado à estação, embaixo do retrato do marechal, Paol se içava num vagão, como os outros. Distribuíram-lhes uma nesga de pão, uma salsicha, mas sem água. O trem vibra. Mas aonde vão no frio que corta? Para leste.

Em alguns vagões, um chefe foi designado, e os detentos, empilhados, comprimidos, obedecem, observando um mínimo de disciplina: a cada vez cinquenta se sentam, cinquenta ficam de pé. Ou então toma forma um movimento de direção giratória, a fim de que todos possam estar em um momento contra a parede onde o ar é filtrado e longe do penico que vaza. No percurso, uma dezena deles conseguirá fugir por uma brecha entre as tábuas. E saltam, se endireitam, correm reto na frente deles, se escondem no matagal e na noite. Tendo conseguido desbloquear a porta corrediça, outro se lança para fora mas é abocanhado pela locomotiva que chega em frente. O trem enfim para. Gritos de soldados. Através das tábuas, eles ameaçam metralhar os vagões. E assim acalmar os ardores de quem tentaria sua sorte. E assim impedir a todos de partir à medida que os outros sofreriam as represálias. Foi preciso tirar os sapatos, sob as ordens dos alemães.

Em meio aos outros, num espaço de centésimos, Paol respira entre os interstícios mas pelo menos respira. Sobre o fragor das rodas, ele dormita em pé em meio a seus camaradas malcheirosos e com os nervos à flor da pele que formam uma massa compacta, pela metade desmontada. E a noite cede ao dia, e o dia à noite, ainda a noite...

Como os outros, ele se mijava pois o penico no centro é muito distante, as fileiras o emuralham, e querendo chegar lá ele perderia seu lugar, perto do anteparo atrás do qual uma paisagem de arbustos delgados e campos nus desliza a sessenta quilômetros por hora, reduzida a uma faixa, por vezes pontuada por um sino, chaminés de usina, algumas luzes, estamos em dezembro, a neve e o gelo que matam, enquanto lá eles sufocam; devem estar em Moselle, é o que um homem resmungou, e não estarem mergulhados no nada lhes fez bem, eles estão em algum lugar, existem, ainda não deglutidos, eles rodam para qualquer coisa, cada hora passada é uma minivitéria, é preciso sobreviver.



Ele começa a reza quando o escuro sobe, ele que não rezava há muito tempo, os matadouros de 14-18 tinham destroçado suas certezas, e agora que o vagão acinzentado dá guinadas e os gritos se fundem, que as reclamações se somam, que chovem golpes entre os homens excedidos, também ele deve lutar por cada centímetro quadrado, defender pelo menos um centímetro quadrado, o penico tomba, alguns vomitam. O trem para, soldados correm ao longo do balastro, depois ele parte de novo. Alguns tiros esporádicos esburacam o campo.

Ele tenta guardar sua humanidade em meio à barbárie, mesmo se alguns, por causa da promiscuidade, do medo, do cansaço enorme, da disenteria e do fedor perderam a cabeça na estufa. Eles gemem antes de se desmontar. Outros lutam. Alguns são esmagados. É preciso suportar o insuportável nesse planeta extinto. E tanto melhor se este torpor alucinado o conduza para longe da prensa, e tanto pior se ele retorne com mais pavor, acordado, mergulhado de novo nesse magma. Ao menos ele escapou de seu destino por alguns segundos.

Ele decidiu se economizar, guardar as forças, manter o rumo, reerguer sua vela, estimar as ondas, aquelas que viram com cristas de espuma, e escoar, escoar a água, para não ser submerso. Paol quer atravessar a provação do transporte. O mais árduo está por vir, quando as portas se abrirem.



LA PART DU FILS
JEAN-LUC COATALEM

1

C'est un canot de quatre mètres cinquante, dont ils ont hissé la voile rouge, une brise les pousse au large, le père et les fils.

C'est un mois de juillet sur la presqu'île de Crozon, elle a une forme de dragon, nous l'appelons familièrement Kergat.

C'est un été comme les autres, ils font d'invraisemblables balades à pied au fil des falaises, dépassant la pointe à l'à-pic du fort, pour longer les anses aux fougères jusqu'au cap aux Mouettes ou bien, à l'inverse, ils empruntent le chemin des douaniers pour se baigner sur les plages de l'est, ils rejoindront plus tard Lucie, la grande sœur, et Jeanne, la maman, sur le front de mer de la station où ils louent à l'année une maisonnette derrière les quais, Kergat est à peine à une heure de Brest, c'est un second chez eux, Kergat est à nous.

C'est un jour tranquille, l'Iroise montre ses verts durs et ses bleus tendres que l'onde fait gonfler, l'air sent bon, il n'y a pas foule, juste quelques automobiles place de l'église ou devant l'hôtel des Sables, sa façade d'établissement thermal, et dans la verdure ces quelques villas assoupies, elles ont fière allure avec leurs bow-windows et leurs vérandas, un côté Daphné Du Maurier un peu figé.

C'est un été sur la péninsule armoricaine, qu'importe qu'il pleuve, qu'il vente, les éclaircies sont généreuses, ils se baigneront dans la darse ou ils iront explorer pour la centième fois la grotte Absinthe qu'il faut forcer avec le flux pour rejoindre ses entrailles, un théâtre de reflets qui s'ouvre sur trente mètres de large, là aussi voilà un secret, le secret des falaises, il règne dans cette cavité une semi-obscurité, l'eau y est fraîche, les voix résonnent, les respirations font de la buée entre les parois, et alors que leurs jambes ne sont plus que des pointillés mobiles, ils ont la sensation d'être immergés dans l'instant même, pris dans le miel des photons et des reflets, autant dire l'éternité, l'éternité de Kergat...

C'est une Bretagne qui ne changera pas, un pays d'enfance, où il y aura toujours la flottille des bateaux, les cageots de maquereaux sur le môle, parfois un couple d'espadons et une fratrie de pieuvres emmêlées, la forêt des pins, ces criques qu'il faut atteindre en se laissant glisser par une corde, une baie où l'été lui-même



vient se reposer, immuable, en même temps qu’eux, dans cette presqu’île qui est comme une île, et ces cinq-là sont à part sur la broderie des landes, presque intouchables, du moins le croient-ils jusqu’au début de la guerre, avant que ne viennent les heures acérées, les heures mauvaises, celles qui blessent et tuent. En attendant, ils clignent des yeux dans le soleil.

2

Paol est né en 1894, à Brest. Il vient d’une famille finistérienne où les hommes sont généralement employés à l’Arsenal, la base militaire et navale. Il a fait la Première Guerre. Il a épousé Jeanne. Trois enfants, Lucie, Ronan et Pierre, mon père. Officier de réserve, il a été muté en Indochine, dont il est rentré en 1930. Dans le civil, il a travaillé ensuite pour une imprimerie et dans une entreprise de construction. Puis, comme la plupart des Français, il a été mobilisé de nouveau, en 1939, au grade de lieutenant.

Je ne l’ai pas connu. Parti trop tôt, trop vite, comme si le destin l’avait pressé. Mais il nous reste sa Bretagne à lui qui est devenue la nôtre.

Sous le régime de Vichy, une lettre de dénonciation aura suffi. Que contenait-elle exactement ? Personne ne l’a su. Au 1er septembre 1943, Paol a été arrêté par la Gestapo. Il sera conduit à la prison brestoise de Pontaniou. Incarcéré avec les politiques et les « terroristes ». Interrogé. Puis ce sera les camps, en France et en Allemagne. Rien n’arriverait plus jamais à l’en faire sortir, à l’en faire revenir...

Des années après, en dépit du temps passé, j’irais à la recherche de mon grand-père. Comme à sa rencontre.

3

Alors tout partait de là, un mercredi de septembre 1943, une fin d’été, sur un scénario que je me disais plausible, et les scènes à Plomodiern, ce bourg à l’orée de Kergat, s’enchaînaient dans leur logique cinématographique, avec la voiture luisante, les ordres et les coups, les types de la Gestapo qui avaient dû le menotter, pas le genre à se laisser embarquer comme ça, non, et ils l’avaient emmené en le poussant devant eux, vite, jouant sur la surprise, lui pâle comme un linge et eux



pressés, brutaux, glissant par le perron, le jardin au palmier, celui dont Paol disait qu'il rappelait l'Indochine, en réduisant leur intervention pour éviter qu'un attroupement ne se forme dans la rue de Leskuz, un chemin élargi au sommet d'une colline, autour de ces deux villégiatures, deux bâtisses identiques et accolées, blanches aux volets gris, érigées par un entrepreneur de Quimper pour ses filles jumelles, avec un tel souci de symétrie qu'on avait l'impression d'une image dédoublée ou d'un bégaiement visuel, seul le palmier à gauche les différenciant peut-être, et sans plus attendre la traction vert foncé avait pris le virage du haut, poussé son accélération vers le Menez-Hom, cette montagnette qui ouvre et ferme la presque-île, dépassé les haies pour disparaître derrière les cyprès dominant la colline, le visage tuméfié de Paol appuyé contre la vitre mouchetée de boue. Voilà.

J'imagine encore. Pierre a douze ans... En compagnie d'un camarade qui l'attend derrière la grille, il va aller jouer sur la grève, il a franchi le jardin de la maison, admettons celle de gauche encore engourdie par la nuit, et puis, en se retournant, il assiste à la scène, impuissant, tétanisé. Il voit sa mère s'accrocher au groupe, Jeanne d'habitude si réservée, s'interposer entre les policiers, les retenant, les suppliant peut-être, au point que Paol allait finir par lui crier d'aller téléphoner à Châteaulin, à l'ami Yvon, celui-là avait de l'entregent à la préfecture, c'était le moment, et tandis qu'on le poussait à l'arrière de la Citroën, le Français et le gestapiste devant, lui avec le troisième homme, le plus costaud, à l'arrière, du sang coulait de sa bouche, du nez, imbibait sa chemise, formait une demi-lune poisseuse, la tâche s'élargissant, rouge magnétique, qui souillait la banquette, et abasourdi par son arrestation, Paol ne distinguait plus bien les formes, les masses, tout était devenu flou, amplifié et grossi, sa main menottée à la poignée de portière pendait comme chose idiote, et l'autre type de lui refiler un dernier coup de poing, salopard de terroriste, c'est qu'il finirait par lui dégueulasser sa voiture de fonction !

Ensuite, ce sont plusieurs semaines d'angoisse à Brest derrière les murs grêlés de Pontaniou, quartier de Recouvrance, la semi-pénombre du cachot, la tension, l'écho des rondes rythmant les heures, les allers-retours entre deux gardiens, la paillasse, la crasse, la solitude ahurissante comme si le monde des vivants continuait sans lui, au-dehors, dans un monde plus vrai, c'était le cas. Les nuits aussi sont difficiles, trop courtes ou trop longues, quand la panique vous baratte le ventre. À l'aube, on distribuait le jus dans le quart en fer passé par la porte,



un quignon de pain à partager. Puis les interrogatoires se succédaient à Notre-Dame-de-Bonne-Nouvelle, côté Lambézellec, l'« antre » de la Gestapo, et celui qui avouerait ou viendrait à trahir s'en irait, contraint et forcé, avec les « schupos » arrêter les camarades...

Lors d'un passage à Brest, je m'y rendrai à mon tour pour arpenter les lieux désaffectés – la prison existe encore, rouillée, juchée sur son promontoire –, rôder devant les murailles embarbelées, inspecter les ruelles en me demandant ce que Paol avait pu apercevoir de sa lucarne de cachot. Le chenal ? La mer ? La presqu'île de Kergat, en face ? Ou le ciel cendré, posé sur les toits comme un couvercle de trappe ?

Désormais, Paol est un ennemi du Reich, un indésirable. On lui a retiré ses papiers, ses lacets, sa ceinture. Sur la paillasse, il ne cesse de recomposer les derniers instants, son cerveau ayant tout enregistré, il voit enfin la scène, y traquant en vain quelque chose, un indice : les pas dans la cour, la sonnerie, son nom prononcé derrière la porte, les sbires qui se ruent, cette narcose vénéneuse filtrant de partout, avec lui au milieu, en accéléré entre les plans ralentis, c'était son cœur qui battait fort, il est ceinturé dans la Citroën, la portière claque, il traverse le bourg, croise une section de soldats allemands en colonne, et puis deux gars au seuil d'une ferme, un copain sur son vélo au croisement, un autre plus âgé qui guette par la fenêtre en angle du café d'Ys, tout le village sera au courant, la voiture descend jusqu'à l'Aulne pour franchir le pont, le bruit du moteur coupe en deux les champs et les futaies en attaquant une nouvelle côte, il a un mal de tête atroce, sa main est insensible comme du marbre, et le ruban d'asphalte par la lunette arrière est devenu sa vie débobinée tant les virages se répètent et s'évanouissent, il n'y a pas de héros, il doit oublier le réseau, ils vont si vite, un accident serait préférable à ce qui l'attend, et après le dernier croisement le panneau fléché « BREST » lui oppresse soudain la poitrine et l'affole...

Convoi 38000. Une litanie de noms qui ne disent rien à personne mais dont l'imprimante de bureau crache pourtant sur des feuillets l'interminable liste...



Un à un, ligne après ligne, le fichier de la Fondation pour la mémoire de la déportation égrène les déportés, Compiègne-Buchenwald, de Jacques Abadie, né à Montech en 1921, à Ronan Tchia, né à Harfleur en 1924, en majorité des Français, mais aussi des Néerlandais, des Polonais, et nombre de Belges...

Qui fut Aloïs Bamberger, né à Wemmetsweiler en 1923, qui finira au camp de Neuengamme ? Ou Alphonse Dezusinges, né en 1901 à Lucens, qui passera de Buchenwald à Dora, puis Bergen-Belsen ? Ainsi pour André Deville, Michel Dupuis, Pierre Fareau, Louis Jadaud... Le plus âgé est Pierre Diais, né en 1883 – il a soixante ans. Les plus jeunes ont dix-sept ou dix-huit ans. Et qui a été Jean Acacio ? Jules André, mort à Bergen ? Ou Claude Bouchery, dont on ne sait rien ? Chacun avec son numéro dont l'indicatif est le 38, 38 pour convoi 38000.

Dans ses mémoires de guerre, Christian Pineau, fondateur du mouvement de résistance « Libération-Nord », n'est pas avare de détails. Il est dans ce convoi. Du coup, on sait exactement ce qui s'est passé ces deux jours-là. Et, en relisant le livre de Pineau, j'entrevois presque la présence de Paol dans ce train plombé qui file à bonne allure ou lambine sans raison sur les rails de France et d'Allemagne.

Ils ont traversé à pied la ville assoupie de Compiègne en rang par cinq, entre des chiens et des SS, devant des volets fermés et des portes closes, à la demande de la Kommandantur. Quelques femmes, des épouses et des sœurs, sont venues jusque-là – il y a, ici aussi, des fuites concernant chaque transfert –, elles leur adressent des signes, tentent de leur passer des provisions, une lettre, un ballot d'habits, mais on ne les laisse pas approcher. Arrivé à la gare, sous le portrait du maréchal, Paol se hisse comme les autres dans un wagon. On leur a distribué une miche de pain, du saucisson, mais pas d'eau. Le train s'ébranle. Mais où vont-ils dans le froid qui coupe ? Plein est.

Dans certains wagons, un chef a été désigné et les détenus entassés, compressés, obéissent, observant un minimum de discipline : à tour de rôle, cinquante s'assoient, cinquante restent debout. Ou alors se met en place un sens giratoire de déplacement afin que chacun puisse être à un moment contre les parois où l'air filtre et loin de la tinette qui déborde. En cours de route, une dizaine d'entre eux vont réussir à s'enfuir par un écart entre les planches. Voilà qu'ils rebondissent, se reprennent, courent droit devant eux, se planquent dans les fourrés et la nuit. Étant parvenu à débloquent la porte coulissante, un autre se jette au-dehors mais est



happé par la locomotive qui arrivait en face. Leur train finit par stopper. Hurlements des soldats. À travers les lattes, ils menacent de tirer des rafales dans les wagons. De quoi calmer les ardeurs de qui tenterait sa chance. De quoi empêcher chacun de partir dès lors que les autres en subiraient les représailles. Il a fallu enlever les chaussures sur ordre des Allemands.

Parmi les autres, un centième de place, Paol respire entre les interstices mais il respire quand même. Au-dessus du fracas des roues, il somnole debout au milieu de tous ses camarades puants et à bout de nerfs qui forment une masse compacte, à demi écroulée. Et la nuit cède devant le jour, et le jour devant la nuit, la nuit encore...

Comme les autres, il se pisse dessus car la tinette au centre est trop éloignée, les rangées font muraille, et à vouloir s'y rendre il perdrait sa place, près de la cloison derrière laquelle glisse à soixante kilomètres/heure, réduit à une frange, un paysage de buissons grêles et de champs nus, parfois ponctué par un clocher, des cheminées d'usine, quelques lueurs, on est en décembre, la neige et la glace qui tuent, alors que là ils étouffent ; ils doivent être en Moselle, c'est ce qu'a murmuré un type, et de ne pas être plongés dans le néant leur a fait du bien, ils sont donc quelque part, ils existent, pas encore déglutis, ils roulent vers quelque chose, chaque heure passée est une mini-victoire, il faut survivre.

Il se met à prier lorsque monte l'obscurité, lui qui ne priait plus depuis longtemps, les boucheries de 14-18 avaient écrasé ses certitudes, et alors que le wagon plombé fait des embardées et que les cris fusent, que les râles s'ajoutent, que les coups de poings pleuvent entre les hommes excédés, il doit lui aussi se battre pour un centimètre carré de plus, tenir pour un centimètre carré qui serait de moins, la tinette se renverse, certains vomissent. Le train s'arrête, des soldats courent le long du ballast, puis il repart. Quelques tirs sporadiques trouent la campagne.

Il tente de garder son humanité au milieu de la barbarie même si certains, déjà, à cause de la promiscuité, de la peur, de la fatigue énorme, de la dysenterie et de la puanteur, sont devenus fous à lier dans l'étuve. Ils geignent avant de s'écrouler. D'autres se battent. Quelques-uns sont écrasés. Il faut tenir au-delà de l'intenable sur cette planète éteinte. Et tant mieux si cette torpeur hallucinée l'emporte loin de l'étau, et tant pis s'il y revient avec plus d'épouvante, réveillé, replongé dans ce magma. Au moins, il a échappé à son sort quelques secondes.



Il a décidé de s'économiser, de garder des forces, de maintenir le cap, ramener sa voile, estimer les vagues, celles qui roulent avec un dos d'écume, et écopper, écopper, pour ne pas se laisser submerger. Paol veut franchir l'épreuve du transfert. Le plus éprouvant est à venir, quand les vantaux s'ouvriront.

Biografia de Jean-Luc Coatalem

Jean-Luc Coatalem, nascido em 1959 em Paris, é escritor e jornalista, redator-em-chefe adjunto da revista francesa GÉO. Sua família é de origem bretã. Como escritor, publicou, entre ensaios e romances, *Je suis dans la mer du Sud* (Grasset, 2001), *Le Gouverneur d'Antipodia* (Le Dilettante, 2012), *Nouilles froides à Pyongyang* (Grasset, 2013), *Fortune de mer* (Stock, 2015) et *Mes pas vont ailleurs* (Stock, 2017). Seu último livro, finalista do prêmio Goncourt de 2019, é *La part du fils* (Stock, 2019).

Apresentação do livro

“A parte do filho” (2019) é um livro de família, genealógico, que joga com a ficção e a recuperação da história. O neto narrador busca compreender o que aconteceu com Paol, o avô que não havia conhecido devido às tragédias da Segunda Guerra. A cena da captura inesperada de Paol em frente à soleira de sua casa, diante de toda a família, por agentes da Gestapo, funciona como um núcleo propagador da narrativa. A partir dela, debruçado sobre os arquivos que subsistem do período nazista, ainda que degradados e dispersos, o narrador procura compreender as causas e os antecedentes da biografia do avô, tanto ao imaginá-la como ficção, quanto ao procurar o fato documentário; assim como tenta refazer, factual ou ficcionalmente, o percurso posterior do avô e o modo como sua morte se deu.

Projeto de tradução

Jean-Luc Coatalem investe num ritmo entrecortado, paratático e muito sincopado nesse “A parte do filho”, paralelamente a um trabalho que insiste em cenas e reforça imagens, o que intensifica seu caráter visual, imagético. Ainda existe, de outro lado, uma mistura de registros, em que são acionados desde o vocabulário



técnico, no caso da descrição das casas no capítulo 3, ou no da marinha no capítulo 1, até palavras coloquiais, como na cena da captura de Paol no capítulo 3 – mas sem com isso dizer, contudo, que o registro mais “alto”, literário ou “literarizante”, seja abandonado em proveito de uma figuração da fala coloquial ou da oralidade, tal como fizera antes um autor como Raymond Queneau.

De todo modo, essas marcas do texto pedem do tradutor uma abordagem específica: que mantenha o mais possível esse ritmo peculiar e um tanto entrecortado que, se no francês pode parecer à primeira leitura mais confortável devido à razoável tendência do idioma em investir numa largueza de frases repletas de subordinações, no português as frases que se acumulam podem exigir um pouco mais do leitor. Perceba-se, contudo, que o texto apresenta a especificidade de trabalhar não com a hipotaxe, quer dizer, o acúmulo de subordinações, de quês e de quando, que é a tendência do francês acadêmico, ensaístico, filosófico; mas que ele trabalha sobretudo com a parataxe, com a justaposição de frases completas em si mesmas, cujo centro articulador passa a ser a vírgula, criando um texto pontuado de acelerações de leitura (já que as frases são simples, lermo-las rapidamente) entremeadas de pausas, de cortes, de paradas abruptas. O leitor pode constatar por si próprio um exemplo desse procedimento principalmente nos capítulos 3 e 21. Mas a frase inicial do livro já indica essa direção, além de ilustrar um segundo procedimento recorrente, a quebra de uma frase mais longa em partes menores, que ecoam ao longo da leitura, sendo atadas e desatadas: “é uma canoa de quatro metros e cinquenta, cuja vela vermelha içaram, uma brisa os leva a alto-mar, o pai e os filhos”. O sujeito da frase, apesar de anunciado pelo verbo, “içaram”, de modo um tanto incomum aparece como que postergado na frase, adiado. Aliás, é interessante notar como esse desenvolvimento rítmico, essa tensão entre frases e períodos se intensifica no momento em que o narrador se descola do fato para mergulhar na ficção: que se pense no “J’imagine encore”, “Continuo a imaginar”, do capítulo 3, tópico que dá um novo fôlego à cena de captura do avô, mas agora do ponto de vista do pai do narrador, Pierre.

Uma última palavra sobre o texto: o primeiro capítulo apresenta uma cena de todo contraposta àquelas que vão se seguir, descrevendo uma espécie de idílio ou ideal abortado, impossível diante dos horrores que a guerra trouxe e refeito pela lembrança imaginativa – o que fica, além do mais, (excessivamente) claro no próprio



texto. Esse idílio se dá como uma marinha, uma cena marítima, que requer o vocábulo preciso e variado: “presqu’île”, “anses”, “douaniers”, “front de mer”, “fougères”, etc. A tradução buscou manter a precisão dos termos, às vezes comprometendo a leitura imediata; mas, ao menos para aqueles que não são marinheiros, essa pequena dificuldade também é vivida no original.

REFERÊNCIA

COATALEM, Jean-Luc. La part du fils. Paris : Éditions Stock, 2019, p. 10-15, 90-93.

Biografia do tradutor

Guilherme Cunha Ribeiro é mestrando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa Poéticas da Tradução, e tradutor. Pesquisa e traduz a obra poética do francês Jacques Roubaud.